

# **Coleção “Uma nova EJA para São Paulo”**

---

## **CADERNO 3:**

### **TRAÇANDO O PERFIL DE ALUNOS E PROFESSORES DA EJA.**

Este caderno foi elaborado pela Secretaria Municipal de Educação, Divisão de Orientação Técnica da Educação de Jovens e Adultos DOT-EJA com a assessoria pedagógica da ONG Ação Educativa.

#### **COORDENAÇÃO EDITORIAL**

*Lourdes de Fátima Paschoaletto Possani  
Joana Alves da Silva*

#### **TEXTO**

*Vera Masagão Ribeiro*

#### **COLABORAÇÃO**

*Coordenação da pesquisa: Silvana Mussalim*

*Construção dos instrumentos de pesquisa e elaboração do caderno: Cláudia Vóvio,  
Mayra Moura, Silvana Mussalim*

*Amostragem e trabalho de campo: Fernando Valentim, Mayra Moura e Haydée Maria  
Lobo Dias*

*Elaboração de relatório técnico da pesquisa: Isabel de Almeida (Feusp), Maria Amélia  
do Rosário Santoro Franco (Unisantos) e Angela Maria Martins (FCC e Unisantos).*

#### **REVISÃO DE TEXTO**

*Solange Martins*

#### **REVISÃO DE CONTEÚDO**

*Comissão Editorial da DOT-G*

#### **DIAGRAMAÇÃO E ARTE**

*Selma Bertachini Pacheco*

#### **DIREITOS AUTORAIS**

*SME – Secretaria Municipal de Educação de São Paulo*

**CO.DOT/EJA**

**SA. 007/04**

## APRESENTAÇÃO

O terceiro caderno da Coleção Uma Nova EJA para São Paulo, **“Traçando o perfil de alunos e professores da EJA”**, traz uma síntese da pesquisa realizada durante o movimento da Reorganização e Reorientação Curricular da Educação de Jovens e Adultos (RRCEJA) na cidade de São Paulo.

Esta pesquisa teve por objetivo fornecer dados para as equipes técnicas da Secretaria Municipal de Educação (SME), propiciando ter uma visão abrangente da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Rede Municipal de Ensino de São Paulo (RME). Estes dados indicam suas principais conquistas, problemas e elementos para a escolha de prioridades de intervenção nesta modalidade de ensino.

Os profissionais que atuam na EJA já possuem conhecimentos sobre seus educandos e sobre as escolas onde atuam, conhecimentos estes baseados na experiência pessoal e nas trocas entre colegas, além de pesquisas realizadas na própria escola. Entretanto, a SME considerou importante contar com indicadores que pudessem ampliar este conhecimento sobre a EJA que temos, visando transformá-la.

Lembramos que este caderno exige mais do que uma leitura individual por parte dos educadores; pressupõe uma reflexão coletiva para que se possa fazer a relação com a realidade local e, ainda, que toda a intervenção pedagógica carece de consensos entre educandos e educadores, tanto sobre as estratégias e às opções político-pedagógicas que podem ser viabilizadas na Educação de Jovens e Adultos.

**DOT-EJA**  
**Julho de 2004**



# SUMÁRIO

Pg.

5 **INTRODUÇÃO**

7 **O PERFIL DE EDUCANDOS E PROFESSORES**

7 ● Quem são os educandos

11 ● Quem são os professores

16 **O AMBIENTE EDUCATIVO**

16 ● Virtudes e problemas

19 ● Ambiente humano

23 ● Ambiente físico

25 ● Os tempos da EJA

27 **PRÁTICA PEDAGÓGICA E CONTEÚDOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

27 ● Organização do processo de ensino-aprendizagem

30 ● Conteúdos de ensino-aprendizagem

33  **FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES**



## INTRODUÇÃO

Em 2003, o movimento de Reorientação e Reorganização Curricular da Educação de Jovens e Adultos inclui nas atividades programadas a elaboração de uma pesquisa para traçar o perfil de educandos e professores que atuam na RME/SP.

A principal justificativa foi a de que um movimento que se quer consistente e emancipador precisa estar conectado às necessidades e interesses daqueles que tomam parte da EJA, além de estar baseado em algumas informações essenciais:

- perfil sociodemográfico dos educandos, suas necessidades e expectativas de aprendizagem;
- condições de trabalho e expectativas dos professores;
- situação do contexto educativo e das práticas pedagógicas que se quer aperfeiçoar.

Para cumprir esse objetivo, foram elaborados instrumentos de pesquisa – um questionário para os educandos e outro para os professores – para coletar informações sobre o perfil sociodemográfico e as opiniões de cada um sobre o contexto e as práticas pedagógicas da EJA. Por limitação dos recursos disponíveis, não participaram desta pesquisa os demais educadores envolvidos com a EJA (equipes técnicas e funcionários). A amostra de professores também precisou ser reduzida, dando-se prioridade aos educandos. No total, foram entrevistados 905 educandos e 212 professores.

As amostras foram construídas com critérios estatísticos, a fim de representar o conjunto da rede. Para definir a amostra de educandos, levou-se em consideração a quantidade total de educandos por região da cidade para calcular quantos seriam entrevistados em cada região, buscando uma distribuição proporcional. Nas várias regiões foram sorteadas escolas (no total 90) e, em cada uma delas, sorteadas turmas e educandos a serem submetidos à entrevista. A margem de erro adotada para a amostra de educandos foi de 3% com intervalo de confiança de 95%.

Esses são conceitos estatísticos que querem dizer o seguinte: os resultados relativos ao conjunto dos educandos podem variar em 3 pontos percentuais para cima ou para baixo; esta é, portanto, a margem de erro da pesquisa. O intervalo de confiança de 95% significa que, se a pesquisa se repetisse com cem diferentes amostras de educandos do mesmo tamanho, os resultados seriam os mesmos em 95 das vezes.

Para a amostra de professores, foram utilizados iguais procedimentos de sorteio nas 90 escolas, garantindo a proporção na distribuição de docentes por região. Entretanto, como a amostra de professores foi menor, a margem de erro é maior, 5%; isso quer dizer que os resultados podem variar em 5 pontos percentuais para cima ou para baixo.

Mesmo com essa variação em relação ao conjunto dos professores, os resultados obtidos com professores e educandos dão uma boa visão do perfil e das principais tendências nas opiniões desses dois segmentos.

Nos questionários foram utilizadas perguntas fechadas, em que o entrevistado escolhe uma entre diversas alternativas predefinidas, e perguntas abertas, às quais o entrevistado responde espontaneamente. As respostas espontâneas foram categorizadas posteriormente, de modo que possibilitassem uma perspectiva de conjunto sobre os temas mencionados.

Há também perguntas com resposta única (por exemplo, qual a sua idade, qual o horário de entrada de sua preferência, qual é a melhor forma de organizar o ensino etc.). Nesses casos, os percentuais dados a cada resposta devem sempre somar 100%. Igualmente existem perguntas que possibilitam múltiplas respostas (por exemplo, cite os três maiores problemas de sua escola, que tipos de revista você costuma ler

etc.). Em tais casos, a soma dos percentuais pode exceder os 100%, pois um mesmo entrevistado dá mais de uma resposta. Nas tabelas apresentadas neste caderno, procuramos dar indicações sobre esses aspectos, para facilitar a leitura e interpretação dos dados.

Nenhuma pesquisa consegue reproduzir fielmente, sem nenhum tipo de desvio, a realidade como ela é. Pode haver desvios no modo como as perguntas são feitas e na maneira de os entrevistados responderem. Mesmo assim, a pesquisa quantitativa, que permite sintetizar e comparar dados sobre um grande número de pessoas, pode ajudar-nos a ter uma visão abrangente dos fatos, muitas vezes nos fazendo rever o senso comum. Dados como esses são fundamentais para orientar as políticas públicas e possibilitar o dimensionamento de cada realidade local em função do conjunto. Para isso, no entanto, é preciso que os dados sejam analisados e discutidos tanto pelos órgãos centrais da SME como pelas comunidades escolares.

**O PERFIL DE EDUCANDOS E PROFESSORES**

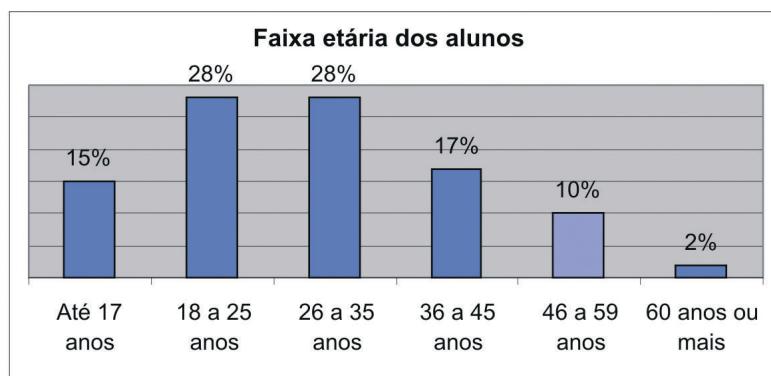
**QUEM SÃO OS EDUCANDOS**

A diversidade é uma das principais marcas do corpo discente da EJA: diferentes idades, diferentes experiências de vida, diferentes bagagens culturais. Por outro lado, algumas experiências e expectativas são comuns à maioria: impossibilidade ou dificuldade de realizar os estudos na idade regular, necessidades relacionadas ao trabalho, expectativas de aprendizagem e desenvolvimento pessoal. Os dados coletados com os educandos da EJA-SME/SP confirmam essas características.

**Jovens e adultos**

A EJA-SME/SP atende educandos de diferentes faixas etárias; 43% podem ser considerados jovens (até 25 anos) e os demais, adultos. O gráfico 1 mostra a distribuição etária dos educandos com mais detalhes.

**Gráfico 1**



A seguir, são apresentadas algumas características dos adolescentes, jovens e adultos que frequentam a EJA na Rede Municipal de São Paulo.

**Quadro 1 – Perfil dos adolescentes, jovens e adultos**

Até 17 anos	De 18 a 25 anos	Mais de 25 anos
97% são solteiros	78% são solteiros	30% são solteiros
5% têm filhos menores de 18 anos	26% têm filhos menores de 18 anos	68% têm filhos menores de 18 anos
58% nasceram na GSP	41% nasceram na GSP	25% nasceram na GSP
36% vieram do Nordeste	48% vieram do Nordeste	55% vieram do Nordeste
28% estão trabalhando	54% estão trabalhando	54% estão trabalhando
50% estão desempregados	37% estão desempregados	27% estão desempregados
16% não trabalham nem estão procurando emprego	2% não trabalham nem estão procurando emprego	Menos que 1% não trabalha nem está procurando emprego
21% estão no 1º ciclo da EJA e 79%, no 2º ciclo	26% estão no 1º ciclo da EJA e 74%, no 2º ciclo	40% estão no 1º ciclo da EJA e 60%, no 2º ciclo



Podemos constatar, portanto, que existem diferenças entre os jovens e os adultos, mas também semelhanças. Como era de se esperar, há mais jovens solteiros e sem filhos menores de idade, embora seja fato que uma parte dos jovens já tem, como os adultos, responsabilidades familiares. Entre os jovens, é maior o percentual daqueles que nasceram na Grande São Paulo, mas há um contingente grande de jovens que vieram do Nordeste. Outro ponto importante em comum: em todas as faixas etárias a maioria é constituída por trabalhadores, e uma grande parte enfrenta o problema do desemprego. Observem que o desemprego atinge principalmente os mais jovens.

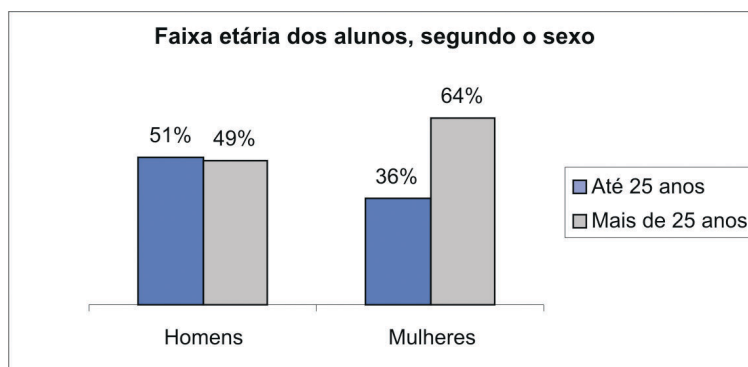
Finalmente, pode-se verificar ainda que há maior proporção de adolescentes e jovens cursando o segundo ciclo.

## Gênero, raça e religião

Além das diferenças quanto à idade, temos outros aspectos que compõem a diversidade dos educandos da EJA.

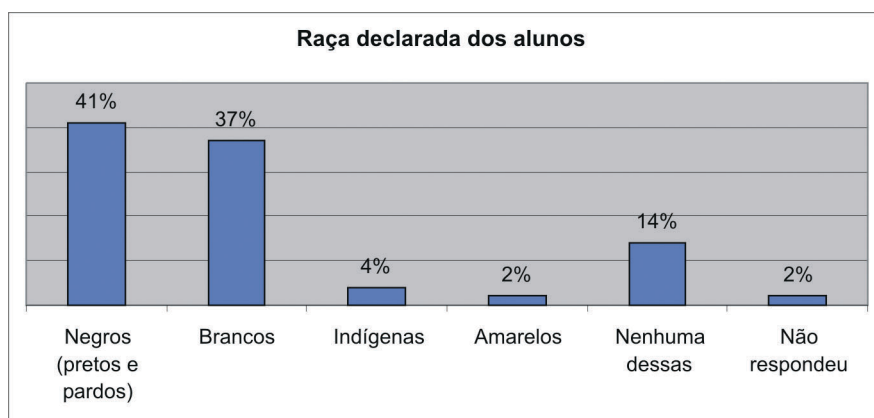
No conjunto dos educandos, 55% são mulheres e 45% homens. É interessante o fato de a maioria, entre os jovens, ser de rapazes. Provavelmente isso acontece porque os meninos estão sendo excluídos do ensino regular mais cedo do que as meninas, como indicam as estatísticas educacionais brasileiras. Assim, na EJA, estão predominando homens mais jovens e mulheres mais velhas (Gráfico 2). Coerentemente, temos mais mulheres casadas, separadas ou viúvas (55%) e que têm filhos menores de idade (54%). A maior parte também trabalha fora de casa (43%) ou está desempregada (34%).

**Gráfico 2**



Segundo o Censo Populacional de 2000, 54% da população brasileira é da raça branca e 44% é da raça negra (pretos ou pardos), os demais pertencem a outras raças. Os educandos da EJA também expressam essa diversidade racial da população brasileira, mas a maioria dos educandos é negra.

**Gráfico 3**



Com relação à religião, 62% dos educandos se declaram católicos e 24%, evangélicos; 6% indicam outras religiões e 8% afirmam que não praticam nenhuma religião. A proporção dos que alegam não praticar nenhuma religião é maior entre os adolescentes até 18 anos (18%).

### Trabalhadores em situação precária

A maioria dos educandos (74%) está trabalhando ou buscando trabalho. O problema do desemprego atinge um percentual muito elevado, de 33%. Dos que estão trabalhando, mais de um terço (39%) não tem registro de empregado ou autônomo, portanto está inserido no mercado informal, sem os direitos garantidos pela legislação. A maioria dos que trabalham, 43%, ganha de 1 a 2 salários mínimos e outros 33% ganham mais de 2 a 5 salários mínimos. Na época da pesquisa, o salário mínimo era de 240 reais.

Já vimos que o desemprego atinge principalmente os mais jovens (Quadro 1). Vamos ver agora as diferenças de condições dos que trabalham:

**Quadro 2 – Situação dos alunos que estão trabalhando**

<b>Até 17 anos</b>	<b>De 18 a 25 anos</b>	<b>Mais de 25 anos</b>
74% trabalham sem registro	34% trabalham sem registro	25% trabalham sem registro
54% ganham até 1 salário mínimo	17% ganham até um salário mínimo	13% ganham até um salário mínimo
30% ganham mais de 1 a 2 salários mínimos	57% ganham mais de 1 a 2 salários mínimos	38% ganham mais de 1 a 2 salários mínimos
5% ganham mais de 2 a 5 salários mínimos	24% ganham mais de 2 a 5 salários mínimos	40% ganham de 2 a 5 salários mínimos

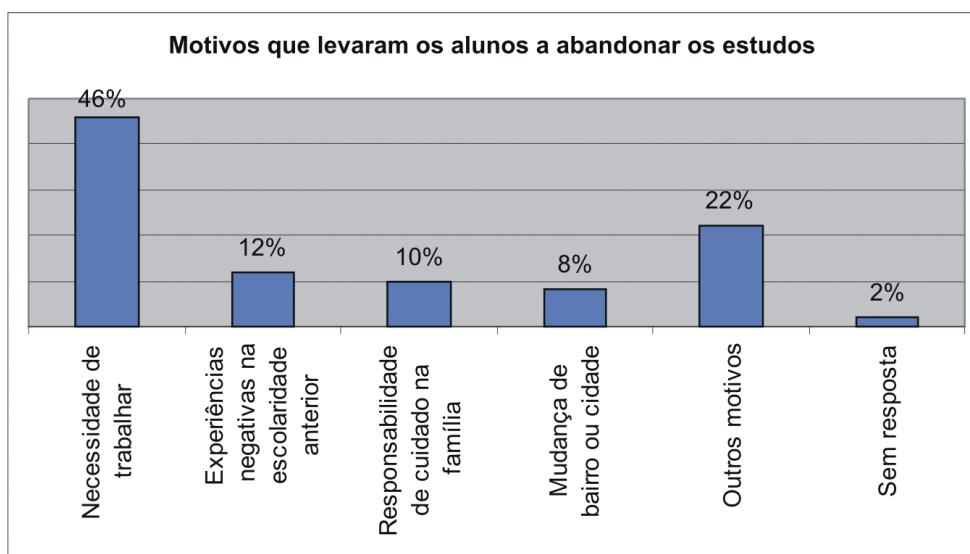
### Motivos de abandono e retorno à escola

A maioria dos educandos já estudou no ensino regular (89%), dos quais 38% além do ensino regular já estiveram em outros cursos ou escolas de EJA. Só 10% começaram a estudar na própria EJA.

Grande parte (65%) ficou sem estudar por mais de 5 anos antes de entrar na EJA; para 20%, o tempo de interrupção dos estudos varia entre 1 e 5 anos. Só entre os adolescentes é grande o percentual dos que interromperam por menos de um ano ou não interromperam seus estudos (47%).

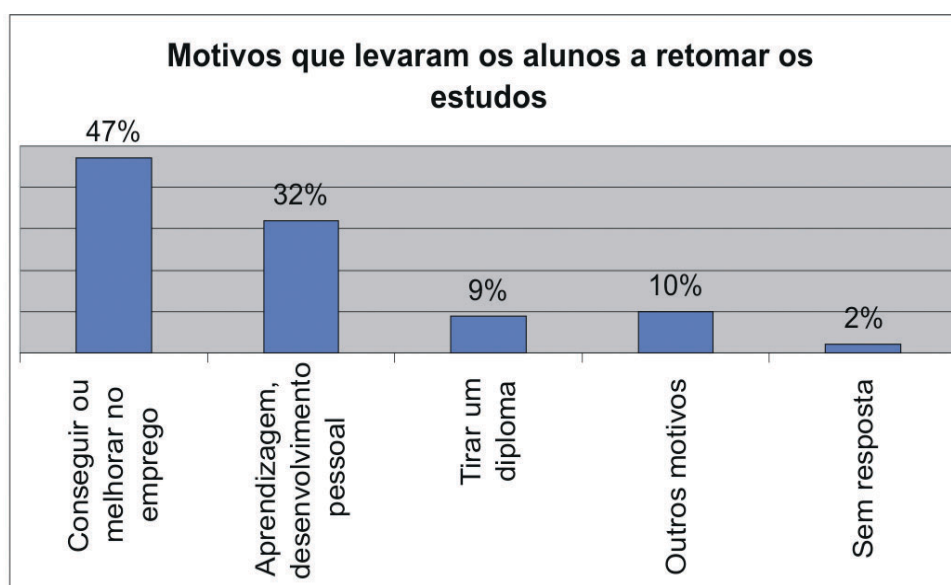
O principal motivo que leva os educandos a abandonar os estudos está relacionado à necessidade de trabalhar ou à falta de dinheiro, motivo declarado por 46% dos que interromperam os estudos. Outros 12% mencionam motivos ligados à própria experiência escolar anterior – estava desmotivado, não gostava da escola, tinha problemas com professores ou colegas, reprovação ou expulsão, falta de segurança etc. – e 10% alegam responsabilidades familiares – gravidez, cuidar dos filhos, parente doente (Gráfico 4).

Gráfico 4



Se a necessidade de trabalhar afastou a maior parte desses educandos da escola, por outro lado o desejo de conseguir um emprego ou um emprego melhor é também o motivo que leva a maioria (47%) a retomar os estudos. Entretanto, é importante ter em vista que 32% indicam a aprendizagem ou o desenvolvimento pessoal como o principal fator que os fez voltar à escola (Gráfico 5). O percentual dos que indicam o desenvolvimento pessoal como principal razão para retomar os estudos é maior (56%) entre os educandos mais velhos (com 46 anos ou mais).

Gráfico 5



Outro indício de que o trabalho é um importante fator de motivação para os alunos jovens e adultos é que 28% afirmam que já fizeram algum curso profissionalizante e 86% dizem que ainda pretendem fazer curso desse tipo.

### Para refletir

1. Como a diversidade dos educandos constatada na pesquisa (a variação etária, sociocultural, de sexo, de religião, econômica etc.) se apresenta na escola onde vocês atuam?
2. Como a diversidade pode ser considerada na:
  - a) estrutura e funcionamento da EJA na escola;
  - b) organização das turmas;
  - c) organização da aprendizagem e sua progressão ao longo do ensino fundamental;
  - d) seleção de temas e conteúdos de aprendizagem;
  - e) forma como se estabelecem relações interpessoais entre os vários segmentos presentes na escola?
3. Como o fato de os educandos serem majoritariamente trabalhadores se reflete no currículo?

## QUEM SÃO OS PROFESSORES

Algumas informações sobre o perfil dos professores que atuam na EJA também são relevantes para analisar suas potencialidades e desafios para conduzir o trabalho educativo nessa modalidade de ensino.

### Características do corpo docente

O corpo docente que atua na EJA-SME-SP é majoritariamente feminino (70%). Do total, 80% tem mais de 35 anos de idade.

A maioria tem significativa experiência no magistério (Gráfico 6) e também não é novata no ensino de jovens e adultos (Gráfico 7).

Gráfico 6

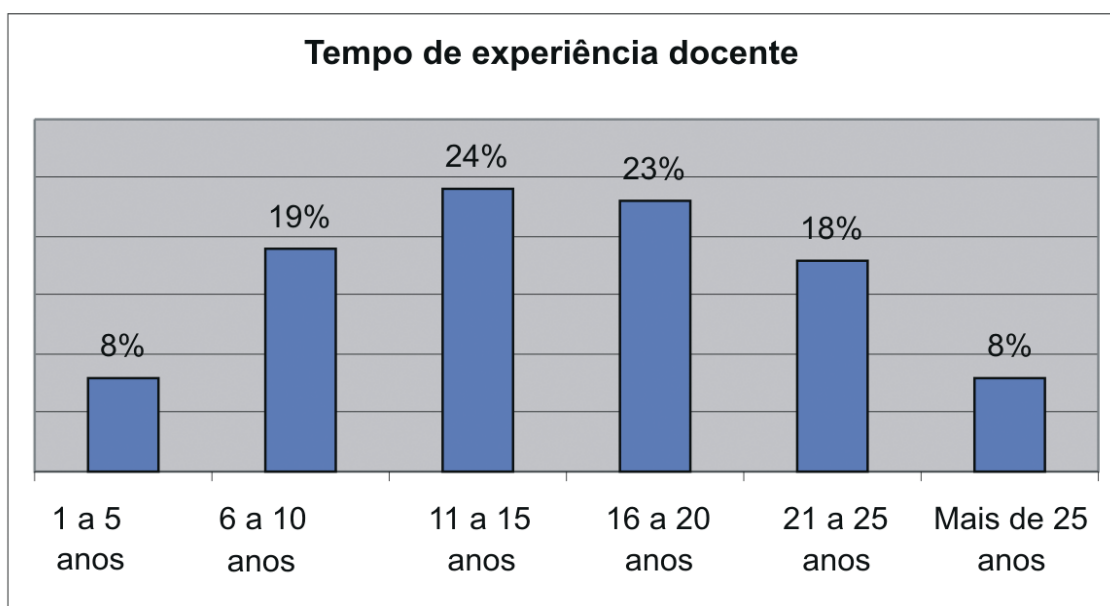
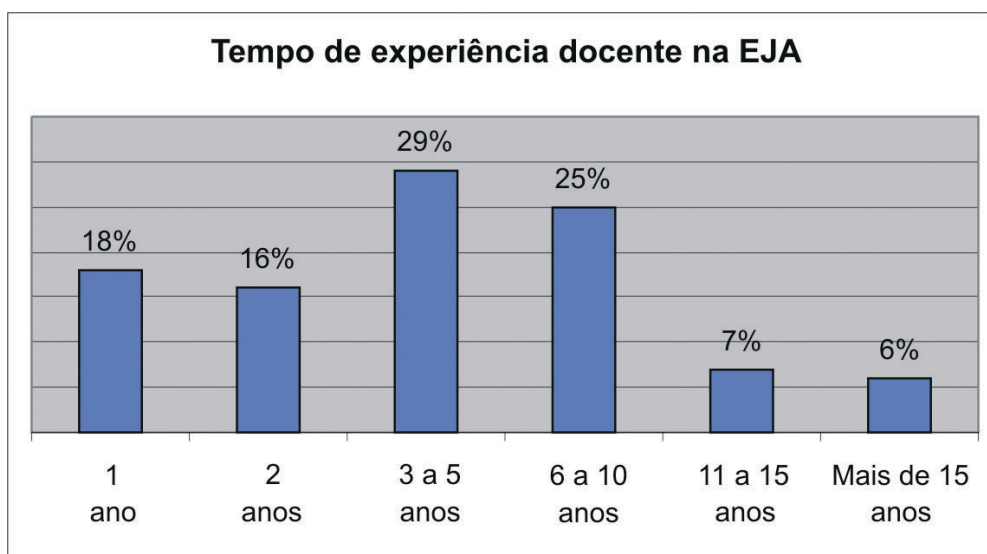


Gráfico 7



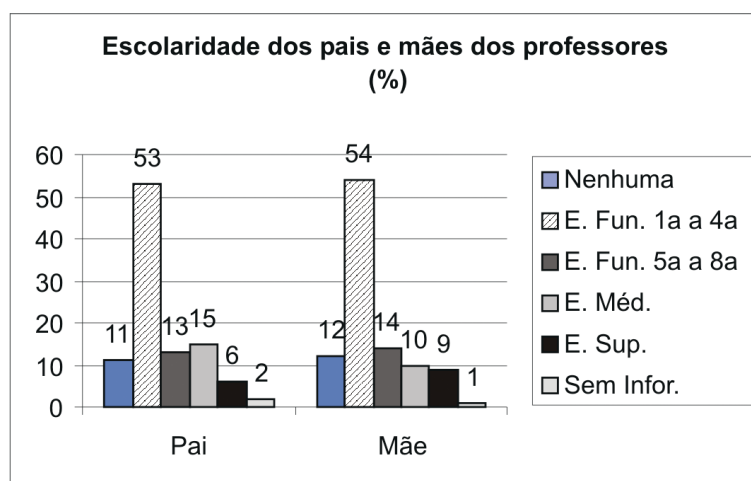
A distribuição dos docentes quanto à região de origem, raça e religião têm semelhanças e diferenças em relação à dos educandos. Já as diferenças em relação à renda são maiores em razão do próprio tipo de ocupação propiciado pelo nível de escolaridade dos professores.

Quadro 3 – Características de professores e alunos

Professores	Alunos
55% nasceram na Grande São Paulo e 10%, no Nordeste	35% nasceram na Grande São Paulo e 50%, no Nordeste
65% se declaram brancos e 26%, negros (pretos ou pardos)	37% se declaram brancos e 41%, negros (pretos ou pardos)
57% se declaram católicos, 12%, evangélicos, 17%, de outras religiões e 13% afirmam não praticar nenhuma religião	62% se declaram católicos, 24%, evangélicos, 8%, de outras religiões e 8% afirmam não praticar nenhuma religião
50% ganham de 5 a 10 salários mínimos e 36%, de 10 a 20 salários mínimos	43% dos que trabalham ganham de 1 a 2 salários mínimos e 33%, de 2 a 5 salários mínimos

### Escolaridade e formação inicial

Os professores, em grande parte, foram educados do ensino público durante o ensino fundamental (83%) e médio (72%); já o ensino superior foi realizado na rede privada por 79%. Praticamente todo o corpo docente tem o ensino superior completo (só 1% tem ensino médio). Essa situação educacional dos docentes representa um grande avanço em relação à escolaridade de seus pais que, majoritariamente, só tiveram acesso à educação primária (Gráfico 8). Isso quer dizer que os professores, mesmo tendo ensino superior, conviveram ou convivem em suas famílias com adultos que têm uma escolaridade semelhante à de seus educandos, o que pode ser visto como um fator favorável a que eles tenham uma boa compreensão das potencialidades e necessidades do alunado da EJA.

**Gráfico 8**


Outro dado relevante sobre a formação inicial é que 36% dos professores da EJA que atuam no segundo segmento do ensino fundamental não têm a habilitação específica para ministrar aulas na(s) disciplina(s) que ensinam. Além disso, 92% afirmam que não fizeram nenhuma disciplina específica sobre EJA em seus cursos de magistério, normal, pedagogia ou licenciatura. De fato, são poucos os cursos de formação inicial de professores que ofertam disciplinas específicas de EJA, o que é sem dúvida preocupante num país onde dois terços da população de jovens e adultos não têm o ensino fundamental completo.

### Práticas culturais

As informações sobre as práticas culturais dos professores da EJA evidenciam que eles têm práticas muito mais freqüentes que a população brasileira em geral e, em alguns casos, até mais do que os professores brasileiros em geral. Para fazer essa comparação, utilizamos os dados do Inaf 2003, que levanta práticas de leitura e escrita da população brasileira de 15 a 64 anos e da Pesquisa dos Professores 2002, estudo realizado pela Unesco abordando professores brasileiros do ensino fundamental e médio<sup>1</sup>.

**Tabela 1 – Práticas culturais dos professores**

	Professores da EJA -SME/SP	Professores brasileiros (Pesquisa Unesco 2002)	População brasileira de 15 a 64 anos (Inaf 2003)
Lê jornal diariamente	40%	41%	10%
Lê jornal pelo menos uma vez por semana	87%	87%	32%
Lê revistas pelo menos uma vez por semana	71%	82%	30%
Costuma ler livros	99%	Sem inf.	75%
Usa computador pelo menos de vez em quando	94%	46%*	17%
Navega na Internet	87%	42%	12%
Envia e recebe e-mail	89%	40%	11%

\* Referem-se aos que declararam se divertir com seu computador

Dos professores da EJA – SME/SP, 60% utilizam com mais assiduidade o computador na própria casa e 30%, na escola onde lecionam na EJA. Os livros que lêem são habitualmente comprados pelos próprios professores ou seus familiares em 81% dos casos, 35% emprestam livros de bibliotecas e 16% lêem livros disponíveis no local de trabalho, escola ou faculdade. Quanto ao jornal, 62% compram ou assinam, enquanto 26% lêem o que está disponível no trabalho, escola ou faculdade.

Quanto ao tipo de livro que preferem ler, 45% indicam romance, aventura policial e ficção como sua primeira opção; 24%, livros técnicos, de teoria ou ensaio; 14%, biografias e relatos históricos; e outros 14%, livros didáticos.

Os professores que lêem jornal apontaram quais as cinco seções que mais gostam de ler: 61% indicaram notícias locais e nacionais; 60%, arte, cultura e literatura; 55%, educação e vestibular; 49%, notícias internacionais; 31%, editoriais; 27%, programação de TV e cultural; 27%, artigos de colunistas; 26%, saúde, família, seções infanto-juvenis; 23%, negócios e economia; 21%, turismo e viagens; 17%, esportes; e 9%, informática.

Dos que costumam ler revistas, veja quais são as preferências e compare com as preferências da população brasileira em geral:

**Tabela 2 – Tipos de revista que gostam de ler (para os que costumam ler revista\*)**

	Professores EJA – SME/SP	População brasileira de 15 a 64 anos Inaf 2003
De informação semanal ( <i>Veja, Época, Isto É</i> )	76%	49%
Especializadas (saúde, informática, música, esportes)	42%	23%
Femininas ( <i>Cláudia, Nova, Marie Claire</i> )	7%	19%
Fofocas e novelas ( <i>Caras, Contigo, Amiga</i> )	5%	46%
De religião	2%	17%
Quadrinhos, gibis e humor	1%	15%
Masculinas ( <i>Playboy, Sexy, Vip etc.</i> )	0%	10%

\* Para os professores da EJA-SME/SP perguntou-se que tipos de revista gostam de ler e para a amostra do Inaf, que revistas lêem



**Para refletir**

1. Em que medida tomar consciência da diversidade socioeconômica e cultural de educandos e professores da EJA é um fator importante para a elaboração de propostas educativas ou para o estabelecimento de mudanças na EJA?
2. De que maneira o fato de 92% não terem tido nenhuma disciplina específica de EJA em sua formação inicial é um dado a ser considerado em processos de formação em serviço?
3. Como as práticas culturais dos professores impactam o trabalho que realizam na sala de aula e na escola?
4. Alguns sociólogos que estudam práticas culturais destacam o efeito da “autocensura” nas pesquisas: as pessoas, normalmente, tendem a omitir práticas tidas como menos legítimas e ampliar as mais valorizadas socialmente. Como esse efeito pode se manifestar nas declarações dos professores e da população em geral sobre seus hábitos culturais?
5. Até que ponto as práticas culturais são determinadas pelo poder aquisitivo das pessoas? Como democratizar o acesso à cultura para os educandos da EJA, que normalmente têm baixo poder aquisitivo?



## O AMBIENTE EDUCATIVO

Muitas aprendizagens escolares, em particular aquelas referentes a atitudes e valores, dependem muito mais de vivências, que envolvem a razão e o afeto, do que da transmissão oral e explícita. Assim, o respeito a si mesmo, aos semelhantes e aos diferentes, o repúdio à discriminação, a confiança nas próprias capacidades, o espírito de iniciativa, a responsabilidade ou a disposição para a participação são aprendizagens que dependerão mais das experiências de relações humanas vividas na escola do que da prescrição de regras morais, especialmente quando essa prescrição não corresponde às práticas efetivamente vivenciadas.

É inevitável que a escola reproduza em seu interior padrões de relações humanas dominantes na sociedade. Mas os objetivos mais valiosos da educação escolar não se realizam se não houver um esforço constante para que, pelo menos nas escolas, os educandos possam vivenciar experiências transformadoras, que os animem e preparem para afirmar na sociedade as atitudes e valores desejáveis e combater ou transformar os indesejáveis.

É dessa perspectiva que abordamos o ambiente educativo da escola, que inclui as salas de aula, mas vai muito além delas. Distinguimos aspectos do ambiente humano (relações entre pessoas) e do ambiente físico (instalações), entendendo este último também como expressão de relações humanas.

## VIRTUDES E PROBLEMAS

Perguntou-se aos educandos quais as três melhores coisas e os três maiores problemas de sua escola (Quadro 4). Os tópicos mais citados, tanto os positivos quanto os negativos, indicam os aspectos da experiência escolar mais valorizados pelos educandos. Servem, portanto, como uma importante referência para pensarmos o que é uma educação de qualidade na visão dos que dela participam.

Os professores são o aspecto positivo mais mencionado: 36% dos educandos os colocam entre as três melhores coisas da escola. Se somarmos isso aos 26% que apontam os colegas ou oportunidades de conviver com eles e os 13% que citaram as equipes técnicas e funcionários, podemos dizer que o aspecto humano é muito valorizado. Por outro lado, chama a atenção o fato de que os aspectos referentes à infraestrutura são os mais problemáticos (43%), seguidos dos aspectos de organização e funcionamento (27%) e dos aspectos referentes à indisciplina dos alunos (26%). Há um percentual menor de menções negativas aos professores (6%).

As aulas ou alguma disciplina específica recebem muitas referências positivas (34%), mas atividades e espaços de aprendizagem diferenciados também são incluídos entre as melhores coisas da escola: 21% citam a sala de informática; 15%, a sala de leitura; 7%, atividades como escola aberta, esportes e atividades culturais; e 6%, espaços além da sala de aula (pátios, quadras, salas de vídeos e laboratórios).

Vale ressaltar ainda o fato de a merenda ser considerada uma das três melhores coisas da escola por 25% dos educandos, o que evidencia a alimentação como fator relevante para esses educandos, e mesmo para os 6% que reclamam de sua qualidade ou da organização do serviço.

Finalmente, merece atenção especial o grande número de menções a problemas de limpeza e má-conservação da escola. Ao lado das relações interpessoais, a qualidade do espaço físico também determina o tipo de educação que a escola pode oferecer.

**Quadro 4 – Três melhores coisas e três maiores problemas da escola, na visão dos alunos**

Melhores coisas		Maiores problemas			
36 %	Professores	43%	Infra-estrutura	19 %	Falta de limpeza
34 %	Aulas, disciplinas específicas			12 %	Falta de conservação
26 %	Ambiente social: amigos, intervalo, trabalho em grupo			12 %	Falta de instalações
25 %	Merenda	27%	Organização e funcionamento	13 %	Falta de professores, aulas vagas
21 %	Sala de informática			8 %	Problemas de segurança
15 %	Sala de leitura			6 %	Outros
14 %	Infra-estrutura: limpeza, iluminação, conservação	26%	Indisciplina dos alunos		
13 %	Equipe técnica, funcionários	6%	Professores: não ensinam bem, são mal-educados, não têm dedicação.		
9%	Organização e funcionamento	6%	Merenda: má-qualidade, desorganização		
7%	Atividades diferenciadas: escola aberta, cursos, esportes, atividades culturais	4%	Tempos: intervalo curto, horário inflexível, curso muito rápido		
6%	Espaços extraclasse: pátios, quadras, salas de vídeo e laboratórios	4%	Equipe técnica, funcionários (escassos)		
4%	Tempos: horário e duração das aulas, duração do curso	2%	Atividades diferenciadas: faltam esportes, artes, rádio na escola		
1%	Localização	2%	Sala de informática: falta de computadores, poucas aulas		
1%	Distribuição de materiais, carteira escolar	1%	Sala de leitura: faltam livros, poucas aulas		
8%	Outros	1%	Pouca distribuição de materiais, demora		
3%	Nada	1%	Localização		
		13%	Outros		
		16%	Nada		

Para complementar esse quadro com a opinião dos professores, podemos analisar as respostas que eles deram com relação aos aspectos da escola que tornam difícil o trabalho do professor de EJA. A maioria dos professores (39%) não identificou nenhum aspecto da escola que dificultasse seu trabalho. Os problemas mais citados (por um grupo pequeno) foram a ausência de materiais didáticos e de instalações

adequadas para os jovens e adultos (14% cada uma) e dois aspectos relacionados ao trabalho coletivo (falta de apoio de equipes técnicas, falta de oportunidade para trabalhar em equipe).

**Tabela 3 – Aspectos que tornam difícil o trabalho do professor da EJA, na visão dos professores**

Nenhum, não respondeu	39%
Ausência de materiais didáticos	14%
Instalações inadequadas	14%
Falta de apoio, inexperiência da equipe técnica	9%
Impossibilidade de realizar trabalhos em equipe	9%
Indisciplina dos alunos	9%
Falta de conservação ou limpeza	6%
Localização: dificuldade de acesso, pobreza do entorno	6%
Horários inflexíveis	4%
Falta de organização, comunicação	4%
Falta ou rotatividade de professores	4%
Diferenças etárias ou culturais	4%
Outros	16%
Nenhum, não respondeu	39%

Nos próximos itens, há informações mais detalhadas sobre aspectos do ambiente humano-relacional e do ambiente físico, que ajudam a compreender melhor esse quadro desenhado a partir da opinião dos educandos e professores.

#### **Para refletir**

1. Como melhorar aspectos de organização e funcionamento (destacados como principais problemas da escola) sem comprometer e até ampliando as oportunidades de sociabilidade – convívio com colegas e com professores (aspectos positivos da escola mais citados pelos educandos)?
2. Como o serviço da merenda (jantar), tão valorizado pelos educandos, pode ser trabalhado do ponto de vista educativo?

## AMBIENTE HUMANO

### Visão dos educandos sobre os professores e dos professores sobre os educandos

A maioria dos educandos avalia positivamente seus professores. Entretanto, é interessante observar que os aspectos em que a unanimidade é menor referem-se à capacidade dos professores em dar um tratamento personalizado aos educandos (saber o nome de seus educandos e conhecê-los bem). Esse é um ponto fortemente relacionado a aspectos organizacionais da escola e do sistema escolar, que abrangem a quantidade de educandos por turma, a carga horária e a distribuição das aulas dos professores em cada turma, os modos de interação e relacionamento entre educandos e professores, as estratégias e formas de organização da aprendizagem.

Tabela 4 – Avaliação dos alunos sobre os professores

<b>Seu (sua) professor(a) ou a maioria deles:</b>	
Responde às perguntas dos alunos	89%
Domina os conteúdos que ensina	87%
Sabe avaliar bem os alunos	84%
Ouve as sugestões dos alunos	83%
Parece gostar de ensinar	83%
Sabe explicar bem as matérias	81%
Procura dar atenção individual aos alunos	79%
Normalmente parece bem disposto	78%
Costuma perguntar o que os alunos sabem sobre o assunto que vai ensinar	77%
Costuma trazer novos conhecimentos para a sala de aula	76%
Sabe o nome dos alunos	71%
Conhece bem os alunos	66%

Em geral, os educandos mais jovens são um pouco mais críticos que os demais em relação aos docentes. Por exemplo: consideram que seus professores normalmente parecem bem dispostos, 71% dos educandos com até 25 anos contra 83% dos maiores de 25; 51% dos jovens acham que seus professores conhecem bem os educandos, em relação a 58% dos mais velhos; 75% contra 86%, que sabem explicar bem; 72% contra 84%, que procuram dar atenção individual aos educandos.

Os professores, por sua vez, também são mais críticos em relação à contribuição dos adolescentes e jovens ao trabalho que realizam. A tabela 5 mostra que 66% dos professores consideram que o fato de muitos educandos serem adolescentes atrapalha o trabalho, 25% alegam que a presença dos jovens interfere, enquanto a presença de pessoas com idade avançada só é vista como fator facilitador por 43%. O fato de os educandos serem trabalhadores é visto como fator que ajuda (26%) ou não interfere (58%), assim como as responsabilidades familiares. Problemas financeiros e familiares são identificados como complicador por um grupo maior.

Tabela 5 – Apreciação dos professores quanto a características dos alunos da EJA

<i>Como algumas características dos alunos da EJA interferem no trabalho em sala de aula na visão dos professores:</i>	<b>Facilita</b>	<b>Não interfere</b>	<b>Atrapalha</b>	<b>Sem resposta</b>
Muitos têm idade avançada	43%	44%	12%	1%
Muitos são adolescentes	5%	27%	66%	2%
Muitos são jovens	21%	53%	25%	1%
Muitos são trabalhadores	26%	58%	16%	-
Muitos têm filhos ou casa para cuidar	17%	57%	26%	-
Muitos têm problemas financeiros	8%	53%	39%	-
Muitos têm problemas familiares	6%	39%	55%	-

Além dessas apreciações, os professores citaram espontaneamente uma outra característica positiva dos educandos que facilita o trabalho em sala de aula: 49% dos professores disseram que os educandos de EJA têm muito interesse, muita vontade de aprender.

Finalmente, aos educandos e professores foi solicitado que apontassem, espontaneamente, quais as três melhores qualidades de um professor. Na tabela 6, observa-se que as mesmas características são citadas por educandos e professores, mas em proporções algo distintas. O aspecto mais valorizado pelos educandos é o trato com eles, seguido da capacidade didática. Já os professores citaram o trato com os educandos, mas na mesma medida aspectos relacionados ao profissionalismo. É interessante observar ainda que os professores dão mais valor que os educandos às suas próprias características pessoais. Já o rigor e o controle sobre os educandos é bem menos considerado entre os professores.

Tabela 6 – Características de um bom professor na visão de alunos e professores

<i>Características de um bom professor</i>	<b>Visão dos alunos</b>	<b>Visão dos professores</b>
Bom trato com os alunos: ouve, atende, respeita etc.	84%	49%
Boa didática: sabe ensinar, explicar etc.	46%	19%
Profissionalismo: dedicação, responsabilidade, assiduidade e pontualidade.	26%	46%
Características pessoais: alegre, sincero, ativo etc.	26%	34%
Rigor e controle sobre os alunos: impor disciplina, cobrar lições, aplicar prova etc.	8%	1%
Domínio dos conteúdos	7%	13%
Outras	4%	12%

## Relações entre diferenças

A maioria dos educandos declara nunca ter sofrido discriminação na escola e considera que, de maneira geral, ela não existe nesse espaço. Mas a discriminação, mesmo afetando uma minoria, é um problema socioeducativo importante, que merece atenção. Os jovens são um pouco mais críticos que os educandos mais velhos em relação a esse tema: 20% dos educandos até 25 anos e 14% com mais de 25 anos já se sentiram discriminados na escola pelo menos uma vez.

É significativo o fato de mais de um quarto dos educandos jovens considerar que existem vários tipos de preconceito na escola, como se pode observar na tabela 7. Note que os jovens identificam mais discriminação, inclusive no que se refere a pessoas idosas.

**Tabela 7 – Percepção dos alunos quanto à existência de discriminação na escola, segundo a faixa etária**

<i>Consideram que na escola existe discriminação:</i>	<b>Até 25 anos</b>	<b>Mais de 25 anos</b>
Contra pessoas idosas	31%	20%
Por motivos religiosos	27%	20%
Contra pessoas que vêm do Nordeste do país	31%	14%
Contra pessoas negras	24%	17%
Contra pessoas portadoras de deficiência	26%	15%
Contra pessoas que vêm do interior de São Paulo	23%	14%
Contra pessoas jovens	16%	9%

### **Oportunidade e vontade de participar**

Perguntou-se aos alunos se participavam de alguma atividade na escola além de assistir às aulas. A maioria (88%) respondeu negativamente. Os 11% que declararam realizar tais atividades também explicitaram sua natureza: registram-se 28 menções a atividades esportivas; 14, a atividades artísticas; 12, ao uso dos equipamentos de informática; 11, ao uso da sala de leitura; 10, à participação no conselho de escola, APM ou Orçamento Participativo; 4, a atividades de voluntariado; 3, a aulas de reforço; 3, à atividade de representação discente; 3 menções a assistir a filmes; e 11, a outras atividades.

Constata-se, portanto, que o nível de participação em atividades diferenciadas ou extracurriculares, para as quais não há espaços e tempos específicos no período letivo, é muito baixo.

Depois dessa pergunta, cuja resposta era aberta, apresentou-se aos educandos uma lista de atividades para que indicassem se são oferecidas em sua escola e se gostariam de participar delas. Os dados da tabela 8 sugerem que o interesse em tomar parte é bem maior do que a efetiva participação, provavelmente porque a atividade não está disponível no horário em que o aluno da EJA pode praticá-la. Em geral, os mais jovens manifestam mais interesse, mas ele aparece em todas as faixas etárias e as diferenças não são muito grandes. As atividades em que há mais discrepância entre a vontade de participar e a existência da atividade na escola são jornal da própria escola, atividades esportivas e grêmio.



**Tabela 8 – Atividades extracurriculares das quais os alunos gostariam de participar e que a escola proporciona, na visão dos alunos**

	O aluno gostaria de participar	A escola oferece
Eventos, festas ou feiras	76%	67%
Atividades artísticas	72%	59%
Atividades de esporte	68%	41%
Jornal da própria escola	61%	10%
Reunião do Conselho de Escola	58%	82%
Grêmios estudantis	46%	27%
Representante de turma	42%	52%

Os professores, em grande parte, também valorizam essas oportunidades abertas aos educandos, entretanto se podem observar algumas diferenças nos seus julgamentos, quando definem a importância de alguns quesitos de uma boa escola para jovens e adultos. Chama atenção especialmente que uma parte significativa dos professores não considera atividades esportivas muito importantes para esses educandos, principalmente se realizadas no horário de aula.

**Tabela 9 – Importância atribuída pelos professores a algumas características de uma boa escola para jovens e adultos**

<i>Consideram muito importante para uma boa escola de jovens e adultos</i>	Professores
Oferece atividades esportivas <u>no horário</u> da aula	50%
Oferece atividades culturais e artísticas <u>no horário</u> das aulas	86%
Oferece essas atividades <u>fora do horário</u> das aulas	70%
Acolhe a participação dos alunos nas decisões sobre o funcionamento da escola	84%
Incentiva que os alunos organizem atividades culturais, campeonatos esportivos, festas e outros	81%
Incentiva que os alunos organizem o grêmios	77%

### Para refletir

1. Como ampliar o conhecimento e o tratamento individualizado dos professores em relação aos educandos?
2. Que medidas poderiam ser tomadas para melhorar o relacionamento entre professores e adolescentes?
3. Como incentivar a valorização da diversidade e combater as várias formas de discriminação na EJA?
4. Como ampliar a participação dos educandos em atividades extracurriculares? Qual o lugar que tais atividades ocupam no Projeto Político-Pedagógico da escola?

## AMBIENTE FÍSICO

Sabemos que o ambiente físico é um aspecto determinante da qualidade educativa e, com relação a ele, devemos considerar a disponibilidade das dependências e equipamentos, sua qualidade ou estado de conservação e, por fim, o aproveitamento que se faz deles. Nessa pesquisa investigou-se a opinião dos educandos sobre alguns aspectos específicos: sala de aula, banheiros e salas diferenciadas (de leitura, de informática e ambiente).

Todos os quesitos das salas de aula foram avaliados positivamente pela maioria dos educandos e quase todos por grande parte dos professores, mas alguns quesitos têm um percentual de avaliação negativa muito alto, o que merece atenção. Ao avaliarem as salas de aula, os professores são de maneira geral mais críticos do que os educandos, a não ser nos quesitos limpeza – que é o mais grave para ambos – e barulho (Tabela 10). O item cuja avaliação de educandos e professores é mais discrepante diz respeito à adequação do mobiliário. E fica então a pergunta: a maioria dos educandos não se sente desconfortável ao utilizar o mobiliário, ou não sabe, ou não pensa que merece móveis mais apropriados para seu tamanho?

**Tabela 10 – Aspectos das salas de aula da escola avaliados negativamente por professores e alunos**

<i>Consideram que as salas de aula de sua escola:</i>	<b>Alunos</b>	<b>Professores</b>
São sujas	48%	45%
Têm mobiliário inadequado aos alunos	27%	54%
Têm muito barulho externo	39%	28%
Têm quadros-negros ruins	23%	44%
São abafadas	21%	37%
São escuras	7%	26%
São apertadas para o número de alunos	7%	18%

Os educandos também foram consultados sobre a existência, qualidade e aproveitamento das salas de leitura, de informática educativa e salas ambiente. A maioria dos que têm esses espaços disponíveis em suas escolas os freqüenta e avalia bastante positivamente (Quadro 5).

**Quadro 5 – Disponibilidade, qualidade e aproveitamento de salas diferenciadas, segundo os alunos**

<b>Sala de leitura</b>	<b>Sala de informática educativa</b>	<b>Sala ambiente</b>
88% declaram que sua escola tem sala de leitura. Desses, 72% afirmam freqüentá-la pelo menos uma vez por semana e 80% a consideram excelente ou boa.	86% declaram que sua escola tem sala de informática educativa. Desses, 61% afirmam freqüentá-la pelo menos uma vez por semana e 73% a consideram excelente ou boa.	12% declaram que sua escola tem salas ambiente. Desses, 65% afirmam freqüentá-las pelo menos uma vez por semana e 60% as consideram excelentes ou boas.



Numa escola, devemos considerar o potencial educativo de todos os espaços, até dos banheiros. A condição de um banheiro pode, por si só, transmitir muitas mensagens relacionadas, por exemplo, a conceitos de higiene, cuidado com nosso corpo, privacidade. Com relação aos banheiros, também a sujeira, além da falta de papel higiênico, é apontada como um dos problemas principais pelos educandos (Tabela 11).

**Tabela 11 – Aspectos dos banheiros da escola avaliados negativamente pelos alunos**

<b>Consideram que os banheiros de sua escola:</b>	<b>Alunos</b>
Não têm papel higiênico freqüentemente	76%
Estão sempre sujos	33%
Não são suficientes para o nº de alunos	31%
Apresentam falta d'água com freqüência	24%
Têm descargas quebradas	20%
Possuem portas, vasos ou pias quebrados	4%

Outro dado da pesquisa que pode ajudar na reflexão sobre o sentido educativo dos espaços físicos é que só 13% dos educandos afirmaram que sua escola possui rampas ou elevadores que permitem o acesso de educandos com deficiência. Será que esses acessos realmente não existem ou os educandos não prestam atenção a sua existência? Qual o significado disso?

### **Para refletir**

1. Quais os resultados pedagógicos da utilização de espaços de ensino-aprendizagem diversificados (salas de leitura, de informática, ambiente ou outras)?
2. De que maneira a utilização freqüente desses espaços pode ser estendida à totalidade dos educandos e dos professores da EJA?
3. Que aspectos do espaço físico da escola expressam respeito ou desrespeito à dignidade dos educandos e profissionais da educação?
4. Como o problema da limpeza nas escolas pode ser enfrentado política e pedagogicamente?

## OS TEMPOS DA EJA

### Duração do curso

Mesmo se escolarizando já na idade adulta, premida por responsabilidades familiares e de trabalho, a maioria dos educandos valoriza o tempo dedicado à escola:

- 90% afirmam que preferem ter aulas cinco dias por semana; 6% prefeririam quatro dias por semana; os demais, menos dias por semana.
- Mais da metade (54%) acha que o curso tem uma duração adequada; 37%, que é muito rápido; e só 5%, muito demorado.
- Quanto ao período diário, quase a metade (47%) concorda com as 4 horas atuais; entretanto, um percentual igualmente significativo (42%) sugere períodos de 3 horas a 3 horas e 55 minutos.

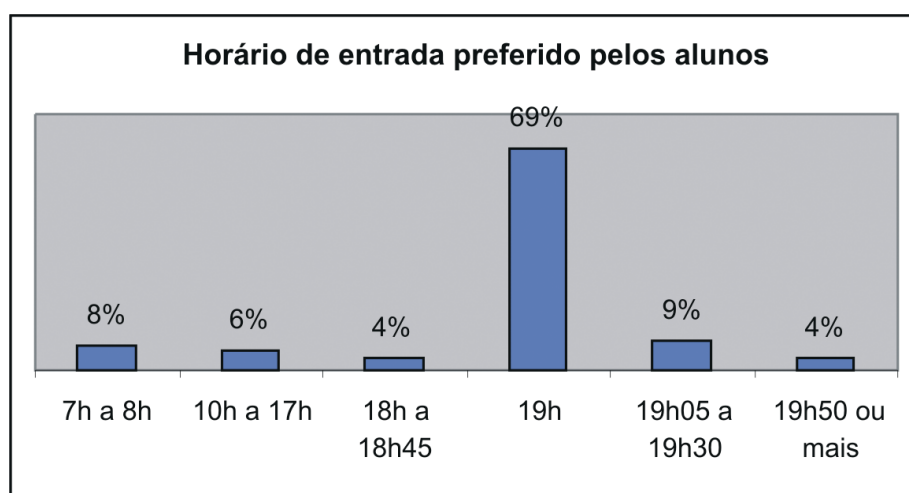
Grande parte dos educandos (59%) informa que começou a estudar naquela escola em 2003, ano em que foi realizada a pesquisa. Outros 18% começaram no ano anterior (2002) e, portanto, estavam cursando seu terceiro ou quarto semestre naquela escola. Finalmente, havia 19% que estavam naquela escola a cinco semestres ou mais.

### Horários e intervalos na visão dos educandos

Aos educandos foi perguntado quais horários de entrada e saída da escola lhes seriam mais convenientes.

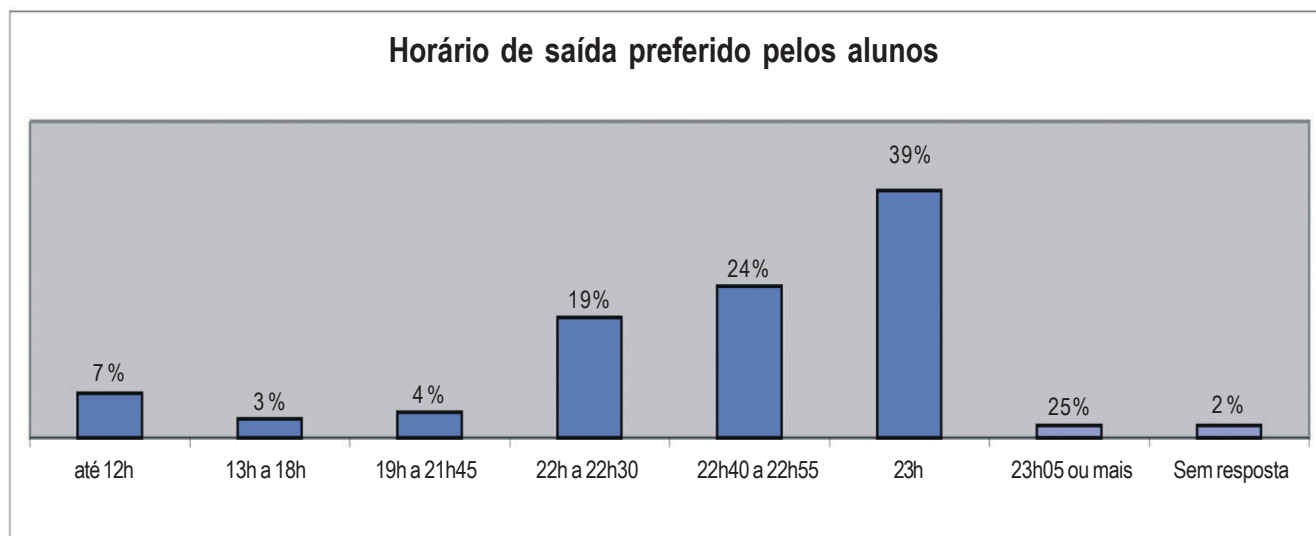
Constatou-se que mais de dois terços concordam com o horário de entrada das 19 horas. Outros 11% gostariam que fosse entre 19h05 e 20 horas. Vale destacar também que 5% apontam horários de entrada entre 17 horas e 18h45, enquanto 8% indicam horários no período matutino, de 7 a 8 horas.

Gráfico 9



Já com relação ao horário de saída, temos um percentual menor de alunos (39%) que concordam com o horário atual de 23 horas; 24% sugerem horários de saída entre 22h40 e 22h55; e 19% preferem sair da escola entre 22 horas e 22h30. Existem também, em proporções menores, pessoas que indicam horários matutinos e vespertinos.

Gráfico 10



Com relação à conveniência de haver intervalo entre as aulas, as opiniões dos educandos se dividem: 50% acham importante haver o intervalo e 44% afirmam que não; os demais (6%) acham indiferente ou não deram opinião. O intervalo parece ser mais valorizado pelos jovens, pois 60% deles o consideram significativo em relação a 43% dos mais velhos. Percebe-se, assim, que para uma grande parcela dos educandos, um espaço aberto na escola para descanso ou convívio com os colegas é importante, enquanto outros gostariam de utilizar todo o tempo com atividades de estudo.

### Ensino presencial e período diário na visão dos professores

Os professores, por sua vez, consideram fundamental a presença dos educandos na escola; 83% acham que o ensino presencial é o mais adequado para o 2º segmento do ensino fundamental, enquanto 16% optam pelo sistema semipresencial. Só 1% considera o ensino a distância o mais apropriado para essa modalidade. Com relação ao período diário que o aluno deve permanecer na escola, as opiniões dos professores são divergentes: 58% alegam que o período de quatro horas é adequado às condições de frequência dos educandos, 41% consideram que é inadequado e 1% não deu opinião. A maioria dos que acham o período de 4 horas inadequado entende que ele representa tempo demais para educandos que trabalham o dia todo (45%) ou têm responsabilidades familiares (13%). Só 15% consideram que os educandos adultos têm dificuldade para se concentrar tanto tempo e 15% acham que o período é insuficiente para os educandos aprenderem. Grande parte dos que consideram as quatro horas diárias inadequadas julga que isso desestimula o ingresso (62%) e a permanência (77%) na EJA.

#### Questões para discussão:

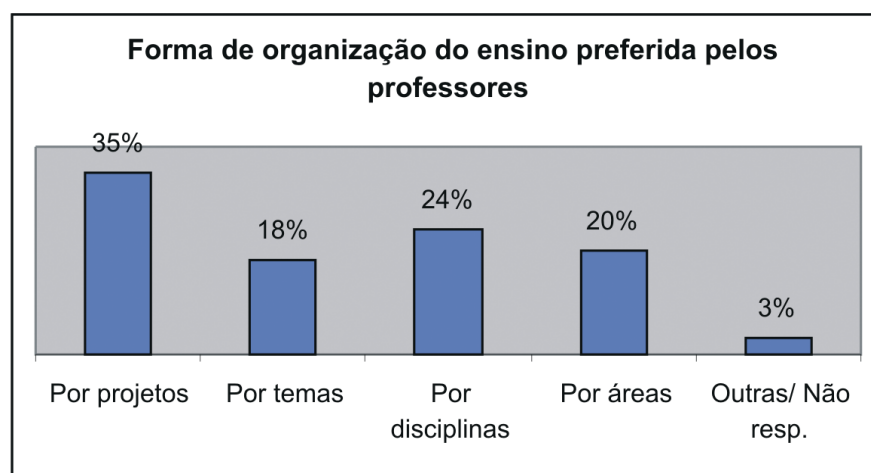
1. Como flexibilizar os horários de entrada e saída, atendendo aos interesses dos educandos, sem diminuir ou empobrecer o tempo de vivência escolar, tão valorizado por eles?
2. Que experiências de flexibilização dos horários e tempos escolares estão sendo desenvolvidas na EJA? Como são avaliadas e socializadas?
3. Como diferenciar a flexibilidade do aligeiramento, da falta de organização, ou do famoso “jeitinho”?

## PRÁTICA PEDAGÓGICA E CONTEÚDOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

### Organização do processo de ensino-aprendizagem

Muitos educadores e estudiosos da educação têm questionado a organização tradicional do ensino por disciplinas, em razão de dificultar a integração dos conhecimentos ou aprendizagens significativas e relacionadas aos interesses ou necessidades de aprender dos educandos. A maioria dos professores da EJA-SME/SP considera que, para essa modalidade educativa, outras formas de organização do ensino são mais adequadas: 35% preferem a organização por projetos e 18%, por temas. Entretanto, uma parcela importante dos professores ainda prefere a organização por disciplinas (24%) ou áreas (20%).

Gráfico 11



Quanto aos mecanismos de progressão na organização do processo de ensino-aprendizagem, as opiniões dos professores também são divergentes: 36% preferem o sistema de ciclos; 28%, o sistema de séries; 28%, o sistema de módulos; 5%, outros sistemas; e 3% não opinaram sobre isso.

### Atividades de sala de aula

Aos professores foi perguntado com que frequência promovem algumas atividades que servem como indicação do tipo de trabalho desenvolvido na sala de aula. Na tabela 12, estão indicadas as porcentagens dos que afirmam que realizam essas práticas frequentemente ou às vezes, os demais dizem que as fazem raramente ou nunca, ou ainda que não sabem. Para os educandos, foi apresentada a mesma lista de atividades e solicitou-se que dissessem se tinham acontecido em sala de aula nos últimos 15 dias, dados que estão apresentados também na tabela 12 para favorecer a comparação.

Observamos que há uma razoável concordância nas respostas de professores e alunos. Em ambos os casos, as atividades mais presentes na sala de aula são aquelas mais tradicionais: explicação do professor, matéria e exercícios passados no quadro-negro. Em seguida, temos os trabalhos em grupo que, em princípio, dão mais espaço para a participação dos educandos. As demais não são realizadas com regularidade pela maioria dos professores. Leitura de livros, jornais e revistas só é freqüente para 42% e produção escrita, para 41%. Práticas que favorecem o desenvolvimento da oralidade como debates ou discussões em grupo, jogos, dramatizações e apresentação de seminários também não são freqüentes para a maioria. Em quase todos os casos, as mais comuns para muitos professores são também aquelas que um maior número de educandos afirmou ter ocorrido em suas salas nos últimos 15 dias, com exceção da produção de textos e apresentação de vídeo.

Tabela 12 – Atividades realizadas em sala de aula, segundo alunos e professores

	Professores afirmam realizar as atividades freqüentemente e às vezes		Alunos afirmam que as atividades foram desenvolvidas nos últimos 15 dias
	Freqüentemente	Às vezes	
Explicação oral da matéria pelo professor	98%	2%	93%
Exercícios passados/copiados no/do quadro-negro	80%	15%	96%
Matéria passada/copiada no/do quadro-negro	74%	19%	95%
Exercícios ou trabalhos em grupo	66%	32%	80%
Leitura de livros, jornais ou revistas	42%	42%	63%
Debates ou discussões em grupo	42%	34%	49%
Produção de texto ou redação	41%	38%	76%
Apresentação de vídeos, slides ou transparências	13%	50%	56%
Jogos ou dramatizações	9%	39%	21%
Apresentação de seminários	6%	29%	17%

Podemos considerar que as explicações orais dos professores são freqüentes e necessárias seja qual for a metodologia de ensino adotada. Já a grande incidência de matérias e exercícios passados e copiados do quadro-negro pode ser indício de falta de disposição ou deficiência de materiais necessários para realizar outras atividades que aproveitem melhor o tempo disponível em sala de aula e tornem o trabalho mais diversificado.

A utilização menos regular de meios audiovisuais (especialmente o vídeo), segundo a visão dos professores, merece igualmente uma análise mais atenta, ainda que de acordo com a informação prestada pelos educandos sua presença na sala de aula seja considerável. O uso desse meio é limitado por falta de recursos na escola ou porque os professores ou educandos ainda valorizam mais as estratégias de ensino mais tradicionais, centradas na linguagem escrita?

Aqui não estamos utilizando o termo “tradicional” num sentido pejorativo, pois algo pode ser tradicional e ainda útil e adequado, da mesma forma que algo “moderno” pode ser inútil ou inadequado. Essa observação é válida para analisarmos tanto o uso dos meios audiovisuais quanto outras práticas menos “tradicionais”, como a apresentação de seminários, jogos ou dramatização. Que aprendizagens essas atividades propiciam? Por que são menos freqüentes nas salas de aula da EJA-SME/SP?

Finalmente, o fato de a leitura de livros, jornais e revistas, assim como a produção de textos, não ser atividade usual na prática da maioria dos professores também merece atenção, pois a leitura e a escrita são aprendizagens muito importantes para a educação básica e continuada dos educandos. Com relação a esses tópicos temos informação mais detalhada prestada pelos alunos. A eles foi perguntado com que freqüência diferentes tipos de texto são lidos e escritos em sala de aula, seja pelos educandos seja pelos professores. Os resultados apresentados nas tabelas 13 e 14 dão um quadro de práticas de letramento que a EJA possibilita:

**Tabela 13 – Frequência com que os alunos ou professores lêem, em sala de aula, diversos tipos de texto, segundo declaração dos alunos**

	Sempre	Às vezes	Nunca
Matérias, esquemas, textos ou exercícios no quadro-negro	65%	21%	13%
Textos ou exercícios em folhas avulsas	59%	24%	17%
Seus próprios textos ou de colegas	47%	31%	21%
Dicionários	33%	33%	33%
Apostilas	33%	20%	44%
Livros didáticos	25%	35%	37%
Livros de literatura, romances e poesias	25%	37%	37%
Folhetos e cartazes	25%	26%	47%
Revistas	17%	29%	54%
Jornais	14%	25%	61%
Enciclopédias	9%	18%	69%

*Obs: Os percentuais que faltam para totalizar 100% em cada linha correspondem aos educandos que não deram resposta ao item.*

Esses dados evidenciam que manuscritos no quadro-negro são o material de leitura mais regular nas salas de aula, seguidos dos textos e exercícios em folhas avulsas e textos dos próprios educandos (provavelmente manuscritos). Chama a atenção o fato de que muitos alunos, a maior parte (61,2%), afirmam que nunca se lê jornal em sala de aula; mais da metade deles (54%) alega que nunca se lê revista; 47%, que nunca se lêem folhetos ou cartazes; quase 70% deles dizem que não se consultam enciclopédias; em torno de um terço, que nunca se lêem livros didáticos (36,5%), nem livros de literatura, poesia, romance (36,9%), nem se consulta dicionário (32,6%). Se considerarmos ainda que muitos desses recursos educativos, fundamentais à aprendizagem, são utilizados apenas de vez em quando, os dados ficam realçados.

Com relação às práticas de escrita, vemos que as mais comumente identificadas pelos educandos são a tradicional redação escolar e o ditado. Textos identificados com gêneros e funções sociais específicas (com exceção das narrativas) são bem menos frequentes. Vale ressaltar que textos muito correntes nos contextos doméstico e de trabalho – como cartas, receitas e relatórios – nunca são escritos na sala de aula, segundo a maioria dos educandos.



**Tabela 14 – Frequência com que os alunos ou professores escrevem, em sala de aula, diversos tipos de texto, segundo declaração dos alunos**

	Sempre	Às vezes	Nunca
Redações em geral	52%	29%	18%
Histórias reais ou inventadas	43%	38%	18%
Textos ditados por alguém	42%	29%	27%
Resumos	33%	35%	29%
Poesias, letras de música	29%	38%	32%
Listas	23%	25%	42%
Relatórios	22%	23%	51%
Cartas e bilhetes	16%	27%	56%
Receitas	7%	16%	74%

*Obs: Os percentuais que faltam para totalizar 100% em cada linha correspondem aos educandos que não deram resposta ao item.*

### CONTEÚDOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Aos educandos foi mostrada uma lista com conteúdos de diferentes naturezas para que dissessem se estão aprendendo cada um deles, muito, um pouco ou se não estão aprendendo. A maioria reconhece que está aprendendo todos eles mais ou menos intensamente (Tabela 15). É interessante observar que as

**Tabela 15 – Aprendizagens que os alunos julgam estar realizando na escola**

Quais conteúdos o aluno está aprendendo na escola:	Sim, muito	Sim, um pouco
Fazer contas	71%	25%
Ter interesse pelo que acontece no mundo	70%	23%
Resolver problemas matemáticos	68%	25%
Exercer seus deveres e direitos de cidadão	67%	23%
História e geografia do Brasil e do mundo	63%	30%
Desenvolver atitudes responsáveis em relação a saúde e sexualidade	63%	23%
Estudar sozinho	59%	30%
Ciências e tecnologia	53%	34%
Trabalhar em equipe	52%	31%
Interessar-se pelas artes, manifestações artísticas e culturais	47%	33%
Ler e interpretar textos	46%	44%
Falar bem, ser desinibido	45%	35%
Escrever diferentes tipos de texto	41%	41%
Como pesquisar	36%	35%
Desenvolver-se fisicamente por meio do esporte	33%	25%

aprendizagens mais identificadas pelos educandos variam desde tópicos muito específicos, como fazer contas, até atitudes mais abrangentes, como ter interesse pelo que acontece no mundo ou exercer direitos e deveres de cidadão. Outro aspecto sugestivo dos resultados dessa questão é que os tópicos relacionados à matemática – disciplina tida como “difícil” por muitos – aparecem no topo das aprendizagens realizadas, enquanto os relacionados à linguagem verbal (ler, escrever e falar bem) não alcançam 50% na coluna dos que consideram estar aprendendo muito esses tópicos. O desenvolvimento físico aparece como aspecto menos desenvolvido na EJA.

Buscar explicações para esse resultado exigiria dos docentes e educandos uma reflexão mais aprofundada sobre o tema, pois há diversos motivos que podem levar o aluno a considerar que está aprendendo mais ou menos qualquer dos tópicos mencionados: o conteúdo pode ou não estar sendo trabalhado pelos professores; o aluno pode achar que tem dificuldade com aquele conteúdo, mesmo que intensamente trabalhado pelos professores; ou, ainda, pode estar se desenvolvendo naquele aspecto, mas não ter plena consciência disso.

Com relação ao trabalho com leitura e escrita, temos os dados relacionados às práticas de sala de aula (Tabelas 12 e 13) indicando que leitura de textos variados e produção de textos não são conteúdos trabalhados com a frequência desejável nas sala de aula da EJA. Por outro lado, é grande a importância que os educandos atribuem a essas aprendizagens, como se pode constatar na tabela que comentamos a seguir.

Aos alunos perguntou-se quais as três aprendizagens mais importantes que estão realizando na escola. E aos professores, quais, entre os conteúdos que trabalham, seriam os dois mais fundamentais para responder às necessidades de aprendizagem dos educandos. Na Tabela 16, é possível comparar as semelhanças e diferenças na importância atribuída por professores e alunos a certos conteúdos. Leitura, escrita ou português são os mais apontados tanto pelos educandos (74%) quanto pelos professores (46%). Conteúdos relacionados a matemática são bem mais citados pelos educandos (70%), mas também pelos professores (26%). Atitudes e procedimentos são mais valorizados por professores do que por alunos.

**Tabela 16 – As aprendizagens mais importantes que estão realizando na escola (na visão dos alunos) e conteúdos trabalhados mais importantes para os alunos (na visão dos professores)**

<b>Aprendizagens realizadas / conteúdos trabalhados</b>	<b>Alunos que citam entre as 3 mais importantes</b>	<b>Professores que citam entre os 2 mais importantes</b>
Leitura, escrita, português	74%	46%
Matemática, cálculo etc.	70%	26%
Estudos da sociedade e da natureza, saberes, conhecimentos, informações, educação sexual	55%	41%
Inglês	13%	-
Atitudes, relacionamento, comunicação	8%	16%
Informática	8%	2%
Artes, teatro, música, dança	4%	3%
Procedimentos: estudar, aprender	2%	5%
Outros	4%	10%
Não sabe, não respondeu	1%	2%



Os educandos também citaram aquilo que gostariam de aprender, mas a escola não ensina (Tabela 17). Os tópicos mais mencionados foram informática (31%), cursos profissionalizantes (17%), artes, teatro, música e dança (17%), educação física (15%), inglês (8%) e outras línguas (8%).

**Tabela 17 – O que os alunos gostariam de aprender e a escola não ensina**

Informática	31%
Cursos profissionalizantes	17%
Artes, teatro, música, dança	17%
Educação física, esportes, futebol	15%
Inglês	8%
Outras línguas	8%
Ler, escrever, português	6%
Educação sexual, higiene, saúde	4%
Matemática, cálculo	3%
Atitudes, relacionamento, comunicação	3%
Estudos da sociedade e da natureza, saberes, conhecimentos, informações	2%
Outros	9%
Nada, não sabe, não respondeu	30%

### Para refletir

1. Como o debate em torno da organização do ensino vem se desenvolvendo na EJA-SME/SP? Na opinião dos professores, as divergências a respeito ameaçam a unidade pedagógica da rede?
2. As escolas têm tido autonomia e iniciativa para experimentar formas diferenciadas de organizar os processos de aprendizagem (alternativas não disciplinares, por projetos, temas ou outros) ou a progressão (série, ciclos, módulos etc.)? Como essas experiências vêm sendo avaliadas e compartilhadas com outras escolas?
3. Que tipos de atividades pedagógicas deveriam ser mais frequentes nas salas de aula da EJA? A realização dessas atividades depende da iniciativa dos professores e/ou de outros fatores? Quais? (Tomem-se como referência as atividades mencionadas nas Tabelas 12 e 13)
4. Os tipos de textos trabalhados em sala de aula com mais frequência correspondem à visão sobre letramento disseminada na SME/SP?
5. Por que, sendo os professores leitores assíduos de jornais e revistas (segundo se constata na tabela 1), não promovem mais essas práticas em sala de aula?
6. Como a escola pode atender melhor às necessidades de aprendizagem dos educandos? Como ampliar ou introduzir atividades que eles consideram mais importantes?

## FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES

Dos professores entrevistados, 39% participaram nos últimos dois anos de curso de formação voltado para EJA, considerando apenas cursos com 30 horas ou mais; 40% declararam que, como professores de EJA, raramente desenvolvem atividades de formação continuada e 19% afirmaram que nunca realizam.

É importante ressaltar que, no período de 2002 a 2004, uma série de cursos foi oferecida aos professores da EJA da RME/SP.. Em 2002, 1.750 professores participaram do curso Vivências Culturais – múltiplas linguagens. Em 2003, 3.000 professores participaram do I Seminário de Reorientação e Reorganização Curricular da EJA e dos cursos *Uma nova EJA para São Paulo na perspectiva da qualidade social da educação* e *Construindo uma nova EJA para São Paulo*. Por fim, em 2004, 1.750 professores tomaram parte do curso Alfabetização e Letramento um compromisso de todas as áreas.

É fato que, ao lado de cursos, a própria atividade docente e o trabalho coletivo com colegas representam valiosas oportunidades de formação. Por isso, foi perguntado aos professores com que frequência realizam, como parte do trabalho na EJA, outras atividades além de ministrar aulas. As práticas mais usuais são as desenvolvidas individualmente. Reuniões para preparação de atividades ou estudo realizam-se de uma a duas vezes por mês para a maior parte (39% e 32%, respectivamente), ou com menor regularidade para 23% e 30%.

**Tabela 18 – Atividades realizadas pelos professores como parte de seu trabalho em EJA**

Atividades do professor	Todos os dias	Uma ou duas vezes por semana	Uma ou duas vezes por mês	Semestral/Raramente
Preparação de aulas	65%	32%	1%	1%
Correção de trabalhos e avaliações	26%	66%	7%	1%
Preparação ou seleção de materiais didáticos	29%	46%	22%	2%
Reunião com outros professores para planejamento de atividades conjuntas	11%	22%	39%	23%
Reunião com outros professores e equipe técnica para estudos	12%	18%	32%	30%
Atendimento ou orientação de alunos (fora da sala de aula)	22%	18%	12%	32%

A tabela 19 apresenta dados sobre a importância que os professores atribuem a assuntos a serem trabalhados na formação continuada, a partir de uma lista com seis itens. Observa-se que todos os itens são vistos pela maioria como muito importantes. O item considerado muito significativo pelo maior número de professores foi leitura e escrita, o que indica que os professores reconhecem o valor dessas aprendizagens para os educandos, assim como a necessidade de melhorar as práticas de letramento na escola. O interesse pelas especificidades da EJA demonstra a atenção dos docentes em relação às características e condições dos alunos jovens e adultos. O interesse por elaboração de materiais didáticos revela necessidades relativas a suportes concretos para direcionar a atividade em sala de aula; trabalho com projetos e técnicas de avaliação referem-se à dimensão metodológica; e, finalmente, os conteúdos disciplinares dizem respeito à atualização nos conteúdos científicos, considerada muito importante por muitos, mas com menos frequência que os demais.

**Tabela 19 – Importância atribuída pelos professores a assuntos a serem trabalhados na formação continuada referida à EJA**

Assuntos/Importância	Muito importante	Mais ou menos importante
Leitura e escrita	89%	10%
Elaboração de materiais didáticos	88%	10%
Especificidades da EJA	87%	10%
Trabalho com projetos	82%	17%
Técnicas e estratégias de avaliação	78%	18%
Conteúdos das disciplinas	77%	20%

Além desses, outros conteúdos relevantes para serem trabalhados na formação continuada foram citados espontaneamente pelos professores: didáticas e práticas de ensino (9%), informática/computação (3%), currículo (2%), trabalho (2%), além da possibilidade de trocas de experiências (7%).

#### Questões para discussão:

1. Como criar espaços para que o professor possa desenvolver trabalhos em equipe ou coletivos e trocar experiências?
2. Que outros aspectos devem ser considerados para que a formação continuada dos professores “seja viável”? Tempo disponível, remuneração etc.

## CONHECER - UM COMPROMISSO COM A EJA

Esta pesquisa traz importantes elementos para o movimento de Reorganização e Reorientação Curricular da EJA. A partir destes dados e das questões apresentadas para a discussão nas UEs, educadores podem rever os conceitos e as práticas pedagógicas acerca da educação de jovens e adultos. A análise inclui a participação dos educandos, pois um novo conceito de EJA pressupõe também uma nova forma de gestão dos espaços, dos recursos e, especialmente das relações entre os sujeitos envolvidos com a EJA.

Estes dados coletados na pesquisa só ganham sentido a partir da reflexão do coletivo das UEs na perspectiva de melhorar o que já se faz e de inovar as práticas que não dão conta de atender este aluno real para o qual esta educação se destina.

## NOTAS

<sup>1</sup> Montenegro, Ribeiro e Nunes (Orgs.). *Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional 2003*. São Paulo: Ação Educativa / Instituto Paulo Montenegro, 2003.

UNESCO. *O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam...* São Paulo: Moderna, 2004.

**Prefeitura do Município de São Paulo**

Marta Suplicy

**Secretaria Municipal de Educação**

Maria Aparecida Perez

**Diretoria de Orientação Técnica**

Marivia Perpétua S. Torelli

**Divisão de Educação de Jovens e Adultos**

Marisa Cristina Ferreira Darezzo

**Equipe DOT-EJA**

Celso Diniz Nobre

Elna Minhoto B. Gonçalves

Hebe Moreira Pastore

Joana de Oliveira

Joana Alves da Silva

Lourdes de Fátima P. Possani

Marta Andréa Catalani

**SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO**

[www.prefeitura.sp.gov.br](http://www.prefeitura.sp.gov.br)

**DOT/EJA**

Rua Dr. Diogo de Faria, 1247

Tel: xx 11 5080-5058 / 5080-5063

e-mail: [dot1@prefeitura.sp.gov.br](mailto:dot1@prefeitura.sp.gov.br)